

## A memória, o lugar e a busca de um território inclusivo no documentário autobiográfico de uma PCD e artista audiovisual brasileira

**Adriano Medeiros da ROCHA**

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
adrianomedeiros@ufop.edu.br

**Cíntia Rita Soares de FREITAS**

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
cintiasoares.comunica@gmail.com

**Resumo:** Neste artigo trata-se de um relato de experiência sobre a pesquisa e o trabalho efetivado pela realizadora audiovisual brasileira Cíntia Soares para a constituição do seu documentário *Elos: traduzindo o intraduzível* (2022). Na obra (auto)biográfica, ela promove interseções entre sua experiência subjetiva, enquanto pessoa com deficiência (PCD) e contextos sociais e históricos mais amplos, ligados diretamente a um passado de preconceitos e silenciamentos. Neste sentido, a jovem cineasta latino-americana busca explorar um distinto território por intermédio do fazer cinematográfico e da sensível possibilidade de expressão permitida por esta linguagem. A partir de uma perspectiva singular e da própria poética fílmica construída, esta protagonista reflete sobre conceitos como memória e lugar, permitindo-se romper limites e promover travessias em busca de almejados novos territórios e de diferenciadas possibilidades artísticas e expressivas ligadas ao afeto e à inclusão.

**Palavras-chave:** deficiência, inclusão, afetividade, memória, lugar, documentário autobiográfico

**Abstract:** *In this article is an experience report on the research and work carried out by the Brazilian video maker Cíntia Soares for the constitution of her documentary Elos: translating the untranslatable (2022). In the (auto)biographical work, she promotes intersections between her subjective experience as a person with a disability (PCD) and broader social and historical contexts, directly linked to a past of prejudice and silencing. In this sense, the young Latin American filmmaker seeks to explore a different territory through filmmaking and the sensitive possibility of expression allowed by this language. From this singular perspective and from the constructed filmic poetics itself, this protagonist reflects on concepts such as memory and place, allowing herself to break boundaries and promote crossings in search of desired new territories and differentiated artistic and expressive possibilities linked to affection and inclusion.*

**Keywords:** *disability, inclusion, affectivity, memory, place, autobiographical documentary*

O diálogo sobre a construção da identidade foi e é algo complexo ainda nos dias atuais, principalmente em relação às pessoas com deficiência (PCDs), tendo em vista a sub-representação desses corpos na sociedade e nas grandes mídias. Stuart Hall afirma que a

sociedade e seus conceitos agem como um recurso facilitador para a compreensão dos sujeitos e para a formação social de cada indivíduo:

[...] Mediante a relação desse sujeito com a sociedade, sua identidade interage com símbolos, valores e práticas, que formam a cultura. Deste modo, o sujeito ainda tem o seu “eu real” dentro de si, contudo este “eu” acaba sendo formado e modificado com o diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as outras identidades que esses mundos oferecem. (Hall, 2003, p. 63)

Assim, pode-se dizer que a inserção das PCDs na sociedade é fundamental para o conhecimento delas mesmas e do mundo em que vivem, porém, a construção do indivíduo não é estática. Ela acontece continuamente e é estabelecida historicamente e não biologicamente. Aquilo que cada um é, ou seja, a sua identidade, está inteiramente ligado com o mundo em que se viveu e que vive – em constante modificação.

Historicamente, alguns meios de comunicação insistiram em colocar a deficiência como um fato do azar ou de má sorte pessoal. Já do ponto de vista social e político, os deficientes ainda são vistos como minoria, muitas vezes, ainda abandonada. Esta visão limitadora sobre as PCDs ganhou força dentro de sociedades estereotipadas e esse tipo de elemento de memória influenciou o pensamento de muitas gerações. Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006) explica que o termo memória se refere a uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente. Dessa maneira, a autora vai entender a memória como:

cabedal infinito de múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (Delgado, 2006, p. 16)

A partir do pensamento de Delgado é possível afirmar que a memória contribui para evitar que o ser humano perca referências, raízes, lastros fundamentais à construção da identidade. Ela poderia ser vista como um tipo de base construtora dessas identidades, do autoreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade. Assim, pode-se perceber que os conceitos ligados à memória são amplos e variados, promovendo o entrecruzamento entre lembrança e o esquecimento, o registro e a invenção, a revelação e a ocultação.

Através da própria origem da palavra *deficientia* ocorre a desvalorização da cidadania e das funcionalidades das PCDs, já que a mesma remete ao conceito de mau funcionamento, carência, falta, anormalidade e enfraquecimento. Dessa forma, quando se utiliza o termo *deficiência*, há disseminação da ideia de que as pessoas que possuem algum tipo de diversidade não têm a capacidade de estar em sociedade e de exercer a sua cidadania. De acordo com essa linha de pensamento, elas seriam limitadas.

O próprio modelo médico de percepção sobre as PCDs afirma que a condição do indivíduo com deficiência é algo que o impede de vivenciar as experiências que a sociedade oferece a seus cidadãos de forma equitativa. No documento, a deficiência é vista apenas como um fenômeno biológico, uma consequência obtida por meio de uma doença (França, 2013, p. 60). Além disso, o modelo médico destaca também que é fundamental buscar a cura, mas deixa claro que talvez ela nunca seja possível.

Ainda em 1966, o sociólogo Paul Hunt elaborou uma publicação que, posteriormente, ficou conhecida como modelo social. Como característica principal, ela permite que a pessoa com deficiência seja o “autor” da própria vida e incentiva a sua participação nas questões sociais e políticas de maneira efetiva. (Hunt in França, 2013, p. 62). O modelo social pontua ainda as três principais barreiras que as PCDs enfrentam: acessibilidade, institucionais e atitudinais.

Em 06 de julho de 2015 foi implantada no Brasil a Lei nº 13.146, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, na qual se revisou a concepção sobre o termo deficiência, definindo que se considera:

pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (Lei nacional 13.146)

Mesmo com a Constituição Brasileira afirmando que todos os cidadãos são iguais perante à lei, as PCDs ainda não podem ocupar todos os setores e seguem marginalizadas. Os pesquisadores Vinicius Gaspar Garcia e Alexandre Gori Maia (2014) apontam que as pessoas com sequelas mais severas são constantemente retiradas do convívio social e impossibilitadas de terem uma ocupação, uma vez que as empresas tendem a seguir o padrão estabelecido e aceito pela sociedade.

Partindo da reflexão sobre o conceito proposto por Milton Santos, a respeito dos cidadãos mutilados, pode-se dizer, então, que as PCDs ainda estão vivendo uma retirada direta ou indireta de seus direitos civis (Santos, 2013, p. 94) e tornando-se cidadãos mutilados, ou seja, são constantemente deixadas à mercê da bondade alheia. Santos destaca ainda que, além de terem acesso às informações, os cidadãos devem se apropriar dos meios de comunicação, participando de forma efetiva nas discussões e na elaboração de conteúdos, algo que raramente ocorre entre as PCDs.

Dessa maneira, torna-se fundamental a implantação de políticas assistenciais para estes cidadãos por parte do Estado brasileiro. Atualmente, sabe-se que, para o indivíduo ser reconhecido, não basta apenas ser ‘falado pelo outro’. É preciso que ele também tenha sua fala considerada nos processos de participação social e política. Sendo assim, é fundamental que as vozes, as vontades e as necessidades das PCDs e suas famílias sejam levadas em conta durante todo o processo de inclusão, para que, dessa maneira, as barreiras sejam realmente eliminadas, possibilitando uma melhor qualidade de vida.

Buscando chegar a esta aspiração, associações e outros grupos ativistas lutam pela implantação de novas políticas públicas que garantam a acessibilidade no Brasil. Essas instituições, em grande parte filantrópicas, se comprometem a exercer um dever que seria do governo, oferecendo acolhimento e assistência emocional e profissional às PCDs e às suas famílias.

Enquanto as mudanças necessárias não acontecem de maneira efetiva e abrangente, o meio audiovisual ainda se mostra segregador e capacitista em muitas produções. Um exemplo deste posicionamento ocorreu recentemente no filme brasileiro *Amor sem Medida* (2021), dirigido por Ale McHaddo. Na obra, os protagonistas foram interpretados pelos atores Leandro Hassum e Juliana Paes, onde viviam um par romântico. O intuito do filme era demonstrar que para o amor não existem padrões, já que o personagem Leo possuía nanismo e Ivana não. Porém, o que desejava ser uma obra anticapacitista, se tornou um acúmulo de preconceito e estereótipos em busca do sucesso comercial.

No caso da documentarista Cíntia Soares, que terá seu caminho como produtora e realizadora audiovisual aqui refletido, a falta de oxigenação durante o parto foi fator que

causou sua paralisia cerebral, trazendo como sequelas alterações motoras no andar e na coordenação motora fina, além da distonia, que é a contração involuntária dos membros e baixa resistência muscular. Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas, os vínculos afetivos criados se tornaram essenciais para seu desenvolvimento e inserção na sociedade:

Ao diagnosticar a deficiência, o acolhimento das pessoas me possibilitou sobreviver, já que, naquela época, o assunto era pouco abordado no âmbito social e pela medicina. A falta de informações e debates contribuíram para o medo, fazendo com que os tratamentos fossem longos e dolorosos. (Cíntia Soares, comunicação pessoal, abril 9, 2023)

### **Desdobrando memórias de silenciamento, rompendo o lugar de preconceitos e criando novos territórios**

Por muito tempo houve a ausência de discussões sobre os temas ligados à inclusão e à deficiência na mídia. Com isso, olhares e atitudes que promovem a exclusão, o preconceito e o apagamento desses corpos se perpetuaram.

Atualmente, a questão da representatividade nos meios de comunicação e na própria sociedade está mais presente e, grupos que antes buscavam mais espaço, vêm efetivando o lema *Nada de nós sem nós*, implantado em 1935, por meio de uma manifestação organizada por integrantes da Liga dos Deficientes Físicos. O ato contou com a presença de mais de 300 pessoas com deficiência física, após terem suas fichas de emprego carimbadas com a sigla DF (Deficiente Físico), o que colocava a condição como algo determinante para a contratação ou não dos candidatos. Ao todo, foram nove dias de protesto, em frente ao Departamento de Albergues da Cidade de Nova York. A ação conseguiu alcançar proporções inimagináveis e, além de chamarem a atenção da sociedade americana, os membros da Liga dos Deficientes Físicos foram os responsáveis por empregar milhares de PCDs em todo país, o que demonstrou a força desse movimento social e a importância dele para a inclusão.

O principal propósito da utilização do lema é deixar claro que só haverá transformações e conquistas na sociedade quando a participação das PCDs em discussões deixar de ser compreendida como um favor, mas sim, como um direito, pois ninguém melhor do que elas mesmas para pontuarem como é possível construir uma sociedade que acolha e ofereça oportunidades a todos.

O pesquisador Romeu Kazumi Sassaki destaca em seu artigo “Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão”, que o percurso até a efetivação do lema foi árduo e passou por quatro fases sociais. A primeira delas é a *exclusão*, que é o apagamento total dos corpos e que ocorreu durante a antiguidade até o início do século 20. Após este período, aconteceu a *segregação*, nas décadas de 1920 a 1940, que tinha como principal característica separar as pessoas de maneira forçada, devido à deficiência delas. Já a *integração* foi algo predominante ao longo das décadas de 1950 a 1980, cujo intuito era inserir PCDs na sociedade. No entanto, eram elas que tinham que se adaptar à infraestrutura e à ausência de acesso aos espaços. E, finalmente, a *inclusão*, estabelecida na década de 90 até hoje, visando aceitar as diferenças, valorizando cada pessoa e assegurando a convivência dentro da sociedade.

Ao longo dos anos, a ideologia da frase (“Nada de nós sem nós”) se espalhou por outros países, ganhando mais força e possibilitando ações como a da empresa suíça, Pro Infirmis, que convidou algumas pessoas com deficiência física para confeccionar manequins sob medida por um especialista, promovendo representatividade. Com a

confeção de diferentes modelos sob medida, foi possível fazer uma réplica bem parecida com a silhueta de cada um dos participantes. O projeto *Quem é perfeito? Chegue mais perto* (Pro Infirmis, 2013) esclarece a importância da inclusão da representatividade de PCDs na moda e pontua a importância de garantir que cada cidadão possa se expressar e viver, respeitando as formas únicas de cada ser. Através da visualização do vídeo do projeto, percebe-se a emoção dos participantes em terem seus corpos reconhecidos como *aptos* para serem expostos em uma vitrine e, sobretudo, o impacto da diversidade na sociedade.

Além disso, a ação promove a quebra do modelo de normatividade e do padrão de beleza imposto pela sociedade, trazendo uma reflexão sobre como a população lida com o “diferente”. No vídeo, algumas pessoas que passavam e viam os manequins na vitrine tinham a reação de estranhamento, outras se emocionaram e os fotografaram. Analisando essas reações, pode-se concluir que, apesar de serem feitas ações de conscientização e inclusão das PCDs, ainda há uma espécie de rejeição e apagamento desses corpos por parte da indústria e de muitos cidadãos.

A maneira como as pessoas se relacionam com a deficiência está ligada com a narrativa realizada pelos meios de comunicação, pois há uma sub-representação das diferenças e, quando isso ocorre, reforça inúmeros estereótipos sobre as PCDs, perpetuando antigos estigmas que reforçam uma percepção social equivocada ligada à fraqueza, inutilidade e dependência social.

Muitas vezes, nos conglomerados de mídia, as pessoas com deficiência ainda são vistas como uma “subcategoria” da sociedade, representando todas as deficiências a partir de um mesmo grupo de pessoas, sem levar em conta suas características e necessidades particulares. Para as pesquisadoras Patrícia Neca e Paula Castro (2012), é necessário que a mídia se envolva mais nas questões sobre inclusão e capacitismo, e retrate as pessoas como *sujeitos* com direitos, capazes de tomarem as suas decisões e não como *objetos* de caridade, tratamento médico ou proteção social (Neca & Castro, 2012, p. 368).

Através de uma produção audiovisual autobiográfica, Daniel Gonçalves, roteirista e diretor do filme *Meu nome é Daniel* (2018), rompe com a visão de herói e vítima que a sociedade cria sobre as PCDs. Na obra, ele narra a sua história, abordando os desafios que enfrentou por ser uma pessoa com deficiência. Segundo o próprio Daniel, o objetivo da sua longa-metragem era salientar o lado humano das PCDs e de suas famílias.

O realizador audiovisual enxergou em sua produção a oportunidade de frisar que a deficiência é somente uma das suas características, e que, assim como as demais pessoas, ele tem qualidades e defeitos independentemente dela. Ele questiona, também, a construção sociocultural do que é ser “normal” e do que não é, ajudando as pessoas a reverem seus preconceitos. Mesmo havendo movimentos sociais em prol da inclusão das PCDs, através da reconstrução do pensamento social sobre o lugar que cada cidadão pode ocupar, ainda hoje não existe garantia de que os direitos sociais, políticos e civis sejam cumpridos de forma igualitária.

Devido ao esvaziamento de discussões sobre o tema na grande mídia, o olhar e atitudes que promovem a exclusão, o preconceito e o apagamento desses corpos se perpetuam. A ativista Lau Patrón lembrou em sua palestra, no TEDx<sup>1</sup> Unisinos, um momento onde vivenciou de perto preconceito e exclusão com o seu filho, João, ao tentar explicar quais seriam as necessidades dele em sala de aula e dentro do ambiente escolar. Ela relata que, em uma reunião de pais para explicar a entrada do João na turma, uma mãe ignorou sua presença, se virou para a professora e disse: “O meu filho é pequeno demais para conviver com esse problema”. O problema a que se referia aquela senhora era o João.

<sup>1</sup> TEDx é uma organização sem fins lucrativos que realiza palestras e conversas sobre temas do cotidiano. Com o intuito de atrair atenção, proporcionando reflexões para um único tópico.

Com o objetivo de evitar atitudes como esta, em 2006, a Organização das Nações Unidas (ONU), na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, reconheceu a importância de oferecer acessibilidade a todos os espaços (físico, social, econômico e cultural), além de garantir o acesso à saúde, à educação e à informação e à comunicação às pessoas com deficiência, para promover, proteger e assegurar o desfrute pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais (ONU, 2006). Em 06 de Julho de 2015, entrou em vigor a Lei nº 13.146, que buscou garantir o direito à educação inclusiva a todos e o suporte técnico e educacional às famílias e aos alunos PCDs:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (Lei nacional 13.146)

Cíntia Soares, a realizadora audiovisual e protagonista da pesquisa aqui relatada, constituiu um caminho que colocou luz em determinadas formas de apagamento. Em 2017, ainda morando na pequena cidade de São Domingos do Prata, no interior do estado de Minas Gerais, decidiu realizar, pela primeira vez, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Resultado: ela foi aprovada em primeiro lugar no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto – Brasil:

Claro que eu fiquei extremamente empolgada com a novidade! Era tanto grito que minha mãe e meu pai acreditaram que eu estava passando mal, mas passada a euforia, contei a boa nova. Minha mãe ficou feliz, mas também reflexiva, pois o acontecido proporcionaria mudanças radicais. (Cíntia Soares, comunicação pessoal, abril 9, 2023)

Assim como muitas PCDs, a jovem que se tornaria jornalista, pesquisadora, ativista e realizadora audiovisual, também teve muitos dos seus direitos retirados frequentemente e, ao ser aprovada em uma universidade pública, alguns receios afloraram. Entre eles, estava a preocupação com a continuidade da exclusão e a falta de representatividade.

Contudo, ao ingressar nesta Universidade em 2018, ela trouxe consigo novos afetamentos para o ambiente universitário e da comunicação. A inserção da estudante (e de sua mãe) foi sendo feita de forma gradativa e cuidadosa. Seus direitos que antes eram raramente atendidos em outros espaços começaram a aparecer e a serem vivenciados. Um dos primeiros exemplos disso foi a possibilidade de ter sua mãe acompanhando diretamente as atividades acadêmicas da filha. Desde o início de sua graduação Cíntia também pode realizar as avaliações em uma sala individualizada com tempo estendido. Esses e outros direitos foram se tornando episódios cada vez mais frequentes e respeitados. Por isso, na sua opinião:

Era fundamental, já no primeiro dia de aula, esclarecer para todos que aquele novo corpo presente no hall do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) era o corpo de uma pessoa com deficiência, que iria precisar propor algumas adaptações e auxílios específicos, mas que assim como qualquer outra pessoa, a nova estudante era tão capaz quanto eles de estar ali. (Cíntia Soares, comunicação pessoal, abril 9, 2023)

Ao se mudar para a cidade de Mariana para frequentar as aulas presenciais e estabelecer novos elos, uma nova Cíntia também foi se reencontrando, onde o medo e a

exclusão deram lugar ao protagonismo e ao pertencimento dela nas relações pessoais e também naquela que viria a ser a sua profissão. É importante ressaltar que a procurada autonomia começa no momento de escolha da PCD em querer ou não qualquer gadget, e segue durante a escuta de suas reais necessidades, para desaguar em um movimento de ampliação do seu poder de escolha. O movimento se dá através do diálogo, respeito e afeto.

### **Constituindo um caminho de elos e afetos a partir da linguagem audiovisual**

Em 2019, quando Cíntia Soares ainda estava no segundo período do curso de jornalismo, ela teve seu primeiro contato com uma câmera fotográfica semiprofissional na disciplina de Fotojornalismo. A realizadora audiovisual representou a primeira aluna do curso com mobilidade reduzida. Ela buscava aprender a trabalhar com aquele equipamento para, posteriormente, poder fazer suas criações na linguagem audiovisual. Por isso, foi necessário realizar adaptações visando o manuseio de uma câmera DSLR. Com a ajuda do jornalista Luiz Felipe Pereira, que também é aluno do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFOP, foi desenvolvido um mecanismo artesanal para que ela operasse a câmera, através de um tripé de alumínio posicionado em seu colo e amarrado com elásticos à cadeira de rodas - para que o equipamento ficasse em segurança, juntamente com barbantes devidamente posicionados no anel de zoom - visando facilitar o movimento para alteração da distância focal variável.

Conforme o próprio pesquisador Luiz Felipe Pereira afirma, geralmente, este tipo de *gambiarra* pode ser uma solução improvisada ou um conserto temporário, feito para resolver um problema ou lidar com uma situação de emergência. Sem muito planejamento, realizada de forma rápida e com materiais comuns, não costuma ser considerada uma solução permanente ou duradoura. Neste caso, de uma forma resumida, *gambiarra* seria “dar um jeito”, mesmo que não seja a maneira mais elegante e sofisticada.

Porém, a *gambiarra* também pode representar terreno fértil para a inovação e para invenções nas quais soluções simples se transformam não em um mecanismo temporário, mas em um protótipo de um gadget capaz de promover a inclusão estudantil dentro da lógica acadêmica pretendida por Cíntia. Em última instância, ela pode substituir designs acabados e caros e permitir caminhos no terreno da inovação, possibilitando mediações inclusivas.

**Figura 1.** *Ilustração artística do protótipo fotográfico instalado na cadeira de rodas*

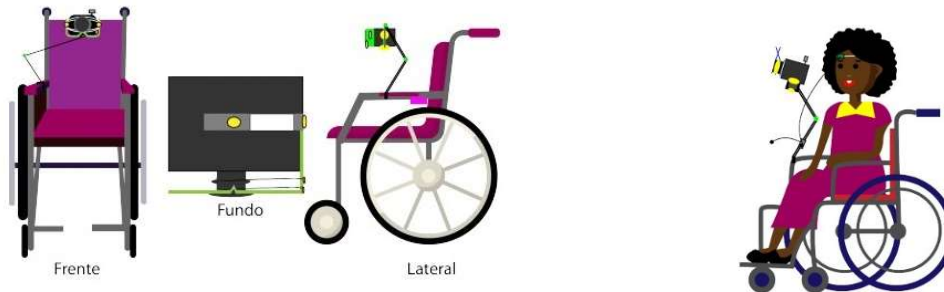


Fonte: Pesquisador Luiz Felipe Pereira

Posteriormente, o pesquisador do Núcleo de Tecnologia da Informação da UFOP, Ricardo Miranda, percebeu a oportunidade de aprimorar o invento preparado por Luiz Pereira. Assim, ele desenvolveu uma nova versão do equipamento, onde a câmera foi fixada por um monopé na cadeira de rodas e manuseada através de um sensor que capta

os movimentos do corpo para fazer as alterações nas configurações do equipamento registrador. Apesar de a pesquisadora ainda não ter tido a oportunidade efetiva de testar na prática essa nova versão, o estudo já foi apresentado em evento científico da Association for Computing Machinery, em outubro de 2021.

**Figuras 02 e 03.** *Aspecto do protótipo final com tecnologia assistiva para PCD motora*



Fonte: Pesquisador do NTI-UFOP Ricardo Miranda

Mesmo na primeira versão, a gambiarra já possibilitou abertura de portas para a realizadora. Apesar de parecer simples, este equipamento tornou realidade o sonho de Cíntia em se constituir uma “jornalista completa”, no sentido de conseguir operar, individualmente, aquela máquina registradora de imagens. Neste caso específico, ela conseguiu se aproximar e se entender com o equipamento e passou a explorar suas possibilidades, a ponto de decidir realizar, após a experiência bem-sucedida na disciplina de Fotojornalismo, uma exposição fotográfica. Produzido pelo Núcleo de Educação Inclusiva, o ensaio intitulado *Multiplacidades* apresentou imagens de alunos com deficiência ocupando os espaços da Universidade. As fotografias foram feitas por Cíntia e por Matheus Victor, estudante do curso Administração da UFOP. A mostra aconteceu no hall do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB), no período de 01 a 14/06/2019. (Ferreira, (s.d).

**Figura 04.** *A autora da exposição fotográfica ladeada pelos amigos e apoiadores Magno Guimarães e Gabriel Pereira*



Fonte: Pesquisadora Cíntia Soares

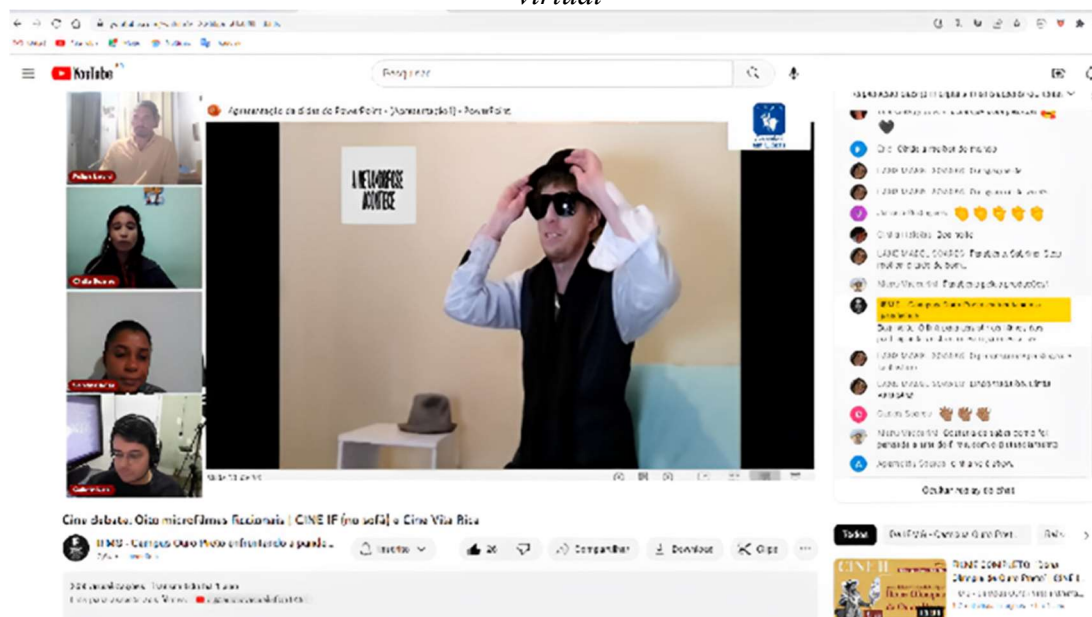


Pouco tempo depois, em uma reunião formal de apresentação dos projetos apoiados pelo Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência/PIDIC da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, a estudante Cíntia conheceu aquele que seria o orientador de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como, também, parceiro em diversas outras atividades ligadas ao cinema e ao audiovisual. A motivada apresentação de suas ideias e das ações que pretendia desenvolver no projeto que havia sido selecionada como bolsista dentro do Pidic sensibilizou, à primeira audição, o professor do DEJOR, Adriano Medeiros da Rocha. Estaria aí lançado o sopro para um novo e frutífero elo.

A primeira disciplina em que a dupla compartilhou uma relação construtivista no campo educacional, aconteceu durante o período mais intenso da pandemia de Covid-19. Tratava-se de Produção e experimentação audiovisual. Apesar do isolamento social, a disciplina e o docente propuseram um caminho reflexivo, teórico e prático que culminaria na criação de micrometragens ficcionais. Desde as primeiras aulas virtuais, Cíntia demonstrou participação ativa e inquietação. O próprio título da produção que ela elaborou e desenvolveu demonstrava a presença de tais elementos: *Metamorfose*.

Ela trabalhou diretamente no roteiro, direção e montagem da obra. Com seus seis minutos de duração, o filme aborda a história de um fã que, a princípio, deseja encontrar o seu ídolo e comete uma loucura. No entanto, há um segredo prestes a ser revelado. De acordo com Cíntia, o filme foi baseado em uma história real e “também buscou promover a inclusão, porque o personagem Davi é feito por uma pessoa com deficiência, completamente cego. Ele (o ator Thales Lopes) perdeu toda a visão e a gente teve que adaptar tudo pra ele também. O intuito era ele participar efetivamente do filme”.<sup>2</sup>

**Figura 05.** Cíntia apresentando seu micrometragem de ficção em noite de lançamento virtual



Fonte: Cine debate de lançamento dos *Oito micrometragens ficcionais*

Depois do sucesso na experiência ficcional e de ter tomado gosto pela linguagem audiovisual, Cíntia experimentou novo desafio: a disciplina de Telejornalismo, que também foi ministrada por Adriano Medeiros, de forma virtual. Percebendo o interesse manifestado pela estudante na área na disciplina anterior e sua grande dedicação, o

<sup>2</sup> Fragmento da fala de Cíntia Soares durante debate virtual de lançamento dos *Oito micrometragens ficcionais* produzidos na disciplina de Produção e Experimentação Audiovisual.

docente propôs a ela uma reorganização prévia da matéria, buscando estimular ainda mais sua inclusão e protagonismo na mesma. Para isso, professor, aluna e o técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual da UFOP, Anderson Medeiros, fizeram algumas reuniões remotas, antes do início do referido semestre letivo. O objetivo era encontrar uma nova receita para catalisar as potencialidades de Cíntia junto aos demais alunos.

No âmbito social, estabelecer uma comunicação em profundidade é fundamental, pois, em muitos casos, é necessário ter uma visão mais ampla e humanista para que aconteça a compreensão exata daquela situação em que se está inserido:

[...] Os afetos e a Comunicação estão muito próximos, ou seja, os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos. Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos. A perspectiva dos afetos é uma possibilidade de pesquisa na comunicação, uma possibilidade de perspectiva humanista, onde o estético, o ético e o político se juntam para pensar suas questões [...]. (Moriceau, 2020, p. 23)

Depois de longos diálogos, o novo caminho construtor da disciplina incluiu também novas bibliografias, outros exemplos de reportagens e telejornais, além da revisão na própria maneira de pensar a produção que seria feita de forma coletiva pela equipe durante o semestre. Apesar da timidez inicial, Cíntia aceitou a indicação do docente para assumir atividades até então não imaginadas diretamente por ela. Esta foi a primeira vez que uma PCD desempenhou papéis de destaque como repórter e apresentadora do Telejornal Laboratorial Pontes.

Como repórter, Cíntia fez um *videotape* retratando a ampliação do teste do pezinho no Brasil. Ela desenvolveu a temática de forma polifônica, aprofundada e sensível, operacionalizando ampla pesquisa sobre o tema, articulando diversas fontes e materiais visuais tanto captados indiretamente pelos próprios entrevistados, como a partir da seleção de arquivos.

Neste caminho de aprendizado no Telejornalismo, Cíntia teve como aliadas especiais sua mãe e sua monitora Líria Barros, que colaboraram diretamente com o suporte técnico *in loco*, durante as gravações, que foram acompanhadas, através do *Google Meet*, pelo professor e pelo técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual.

**Figura 06.** Cíntia Soares apresentando o telejornal Pontes



Fonte: Telejornal Pontes, edição 003

A participação efetiva de Cíntia em uma produção como o telejornal Pontes, que foi disponibilizado em multiplataformas, abre caminho para discussões sobre a seletividade PCD, já que, para alguns, por conta de ser usuária de cadeira de rodas e ter restrições motoras, o seu corpo não estaria apto para estar em destaque, a não ser que tais características fossem removidas, jogando luz no *disablism*:

[...] Discriminação que se concentra no tratamento diferenciado ou desigual, muitas vezes negativo, de pessoas com deficiência e na política social. Presume-se que o “nós” se refere a uma perspectiva “sã” enquanto a deficiência só é apresentada para ser melhorada, curada ou eliminada. (Mustafé; Coelho, 2021, p. 258)

Incomodada com a falta de visibilidade e motivada pelas inúmeras incógnitas que acompanham as pessoas com deficiência, Cíntia Soares quis romper outras amarras e, em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolveu o documentário autobiográfico *Elos: traduzindo o intraduzível*. Na obra, ela resgata fragmentos de sua memória para refletir a respeito do seu papel social enquanto PCD. Um dos maiores defensores do audiovisual como um importante instrumento de registro de memórias é Michael Pollak (1989). O autor argumenta que o filme testemunho e documentário tornou-se um forte mecanismo para os rearranjos sucessivos da memória coletiva:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas as lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização e, portanto, no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. (Pollak, 1989, p. 12)

Um dos principais objetivos do filme foi demonstrar, através da experiência em primeira pessoa, quais são as dificuldades enfrentadas pelas PCDs, as possibilidades de protagonismo na sociedade e como os vínculos afetivos estabelecidos na trajetória ajudam a superar formas de preconceito. A produção ainda buscou promover reflexões sobre o papel da sociedade no acolhimento dessas famílias e, também, colocar em evidência o potencial e a participação das PCDs nas questões sociais e nos meios de comunicação. Ao lado de seus elos, Cíntia sempre exerceu um papel relevante e ambos foram agentes revolucionários em movimentos sociais, incentivando a inclusão e o apoio a essas famílias e contribuindo, ainda, para o surgimento de novas histórias e protagonistas.

### ***Elos – traduzindo o intraduzível: o documentário autobiográfico e os novos territórios de expressão artística***

Após pesquisar diversas produções cinematográficas/audiovisuais, a realizadora percebeu que ainda existe um número restrito de obras que apresentam o olhar das próprias PCDs, enquanto protagonistas desta linguagem. Por este motivo, optou por produzir um projeto ligado ao aspecto pessoal:

Penso que, dessa maneira, irei me aproximar ainda mais dos espectadores e incentivar o nosso protagonismo na sociedade e nos meios de comunicação. Entendendo que a minha trajetória pode se parecer com a história de outras PCDs e trazer mais representatividade. A minha intenção é afirmar que eu posso ser a autora da minha

própria história de vida e narrar os fatos que vivenciei de acordo com a minha perspectiva. (Cíntia Soares, comunicação pessoal, abril 9, 2023)

Coaraci Bartman Ruiz (2021) afirma que a produção de documentários autobiográficos surge como uma resposta de cineastas para um momento de crise e transformação dentro de sólidas instituições sociais. A partir dessa visão, Cíntia decidiu se debruçar na realização de um filme, onde o maior desafio seria traduzir o intraduzível: o amor ao próximo. Ao se colocar diante desta missão, ela se posicionou como uma atriz social protagonista dentro de um coletivo de pessoas que estão sendo fundamentais na (re)construção de uma nova sociedade e de um novo modelo de comunicação.

Sua proposta foi participar da obra como diretora, produtora, cinegrafista e personagem/atriz social, com o objetivo de demonstrar a sua perspectiva dos fatos narrados. Para isso, também fez uso de alguns objetos pessoais que fizeram, ou ainda fazem, parte de sua vida, tais como fotografias pessoais, a sua cadeira de rodas, músicas preferidas, entre outros. No artigo *Representação da doença no cinema documentário autobiográfico*, José Francisco Serafim e Natalia Ramos explicam que algumas das produções documentais contemporâneas priorizam a presença do realizador no filme e buscam auxiliar no autoconhecimento, na relação consigo mesmo e com o outro:

O filme documentário permite a análise da objetividade e da subjetividade da relação do Eu e do Outro e do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade, constituindo um meio de exploração dos fenómenos psicológicos, sociais, antropológicos e identitários e de reelaborar a própria representação individual, social e antropológica, nomeadamente nos processos de saúde e doença. (Serafim & Ramos, 2014, p. 28)

Os pesquisadores ressaltam que existem características que sempre estão presentes nesse tipo de documentário, unindo estes produtos fílmicos autobiográficos, ainda que suas temáticas e propostas estilísticas sejam díspares. Para eles, na maioria das vezes, essas obras são realizadas por pessoas que se aventuram na busca de compreensão de si mesmos, de certas questões e vivências pessoais e identitárias, bem como de comunicação e partilha de suas histórias de vida e doença dolorosas (ibidem, p. 32-33.).

Foi dessa maneira que a realizadora buscou produzir um filme documentário autobiográfico, abordando os elos afetivos das famílias que têm filho(a)(s) com alguma deficiência. O conteúdo foi dividido em três episódios, não são lineares. Assim, independentemente da ordem como são assistidos, o tema central do trabalho segue em evidência. Por meio de relatos, imagens pessoais e personagens que vivenciaram momentos significativos com ela, buscou-se incentivar o protagonismo também de outras pessoas com deficiência e debater sobre a importância da afetividade.

Para constituir a narrativa fílmica foram selecionados momentos da vida desta realizadora que ela própria considera como fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Eles foram divididos em três episódios, da seguinte forma:

1 - *Afetividade*: aborda os desafios enfrentados pela realizadora e sua família pós diagnóstico e a solidão causada pela dificuldade da inclusão da PCD na sociedade. Personagens participantes: Cíntia Soares, Célia Soares (mãe), Maria Helena (madrinha) e Valdete da Silva (madrinha) (Audiovisual UFOP, 2023a);

2 - *Somos todos iguais*: evidencia os desafios vividos no processo de inclusão nas escolas que estudou, desde a infância até a universidade, lembrando incidentes que a marcaram e colaboraram para o seu crescimento, sejam atitudes preconceituosas ou oportunidades de inclusão e sociabilidade. Personagens participantes: Cíntia Soares,

Érik Soares (irmão), Raiane Eleutério (amiga da escola), Rosangela Castro (ex-professora de apoio). (Audiovisual UFOP, 2023b);

3 - *Vivendo intensamente*: relato como ocorreu o processo de inclusão na universidade e sua gradual entrada no mercado de trabalho. Personagens participantes: Cíntia Soares, José Benedito Donadon Leal (diretor do ICSA-UFOP), Gabriela Cortez (monitora), Líria Barros (monitora), Wanessa Sousa (monitora), Nízea Coelho (supervisora de estágio), Filipe Lage (supervisor de estágio), Wellington Silva (jornalista e colega de trabalho). (Audiovisual UFOP, 2023c)

Um dos papéis principais da autobiografia é demonstrar as vivências, as alegrias e os desafios de determinado indivíduo ou grupo. Assim, a acessibilidade das PCDs foi um dos aspectos também abordados no filme, destacando a ausência dela, em muitos casos, como na falta de infraestrutura nas ruas e em estabelecimentos das cidades para o deslocamento de pessoas que têm mobilidade reduzida. Ultrapassando este objeto de estudo, em uma recente novela exibida pela Rede Globo de Televisão, *Travessia*, escrita por Glória Perez, também abordou a questão da falta da acessibilidade através da personagem de Tabata Contri, que é uma pessoa com deficiência na vida real, e interpreta a advogada Juliana Silvestre.

No capítulo exibido no dia 16/11/2022, por exemplo, após não conseguir entrar no bar do Nunes, ambientado em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, Juliana decide afixar um cartaz com a Lei Brasileira de Inclusão, que determina a obrigatoriedade da existência de rampas para o acesso a estabelecimentos e instituições. Porém, o proprietário do bar, o Nunes, é resistente à manifestação da advogada. Além de não dar ouvidos à demanda levada por ela, ele também remove o cartaz colocado na porta de seu bar. Este tipo de atitude promove ainda mais o capacitismo e dificulta o acesso das PCDs nos espaços.

O filme *Elos* tenta romper com este tipo de posicionamento. Para gerar curiosidade no público e dinâmica ao longo do documentário, foi constituída uma proposta estética que priorizou alternância entre os planos de imagens captadas no decorrer de cada episódio, sempre levando em conta as sutilezas dos temas abordados em cada momento. Neste sentido, houve a intensão de explorar as possibilidades do ponto de vista/câmera subjetiva, convidando o público para acompanhar a visão protagonista cadeirante transitando pela Universidade, pela cidade e pelos demais espaços, onde se pode observar o mundo como ela vê, estando sentada em uma cadeira de rodas. Através da alternância entre os planos objetivos e o ponto de vista de Cíntia, o espectador conhece mais dessa história e da sua perspectiva de mundo.

Entre as referências filmicas usadas para basear o projeto estão *Meu nome é Daniel* (Daniel Gonçalves, 2018), *Uma Gota de Esperança* (Emerson Penha, 2021) e *O Escafandro e a Borboleta* (Julian Schnabel, 2007). As duas primeiras também são documentários e trazem depoimentos da própria pessoa com deficiência e de suas famílias, o que ressalta como é necessário ouvi-las e, sobretudo, enfatizar que a importância do seu próprio ponto de vista sobre os fatos.

Na tese *A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros: Real, simbólico e imaginário*, Renata Adriana de Souza problematiza a visão dos documentários como uma representação fiel do mundo. Ela ressalta que é preciso levar em conta que existe a subjetividade, intenção, recorte e outros elementos utilizados pelo diretor/a para compor e significar o produto e os estereótipos que, muitas vezes, são direcionados a somente uma região ou pessoa, mas acaba sendo a realidade de muitos outros.

As filmagens de *Elos* foram iniciadas na cidade natal de Cíntia, São Domingos do Prata, interior de Minas Gerais. Lá, ela abordou as memórias dos conflitos que viveu na

instituição pública na qual concluiu o ensino médio. Em uma caminhada pelo pátio da escola, à procura de um responsável, acabou encontrando sua ex-professora de apoio, que não estava na lista prévia de fontes. Apesar disso, quando elas se encontraram de maneira (quase) espontânea, houve uma troca afetiva tão forte que tiveram a oportunidade de relembrar momentos vividos há anos atrás. Assim, todo o episódio foi filmado na antiga escola e, também, no deslocamento entre sua casa e a respectiva escola.

Para a produção do episódio *Afetividade*, a realizadora e sua equipe de base (Anderson Medeiros, técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual, suas monitoras, Gabriela Cortez e Wanessa Sousa, e sua própria mãe, Célia Soares) viajaram a Belo Horizonte, até a casa de sua madrinha, Helena, no bairro Mantiqueira, onde passara a maior parte da infância. Nesse episódio, o foco principal foi mostrar suas raízes, o território onde nasceu e cresceu e quais foram os elos afetivos que a ajudaram a superar os desafios.

No episódio *Vivendo intensamente*, a equipe dirigida por Cíntia filmou imagens e entrevistas no local de trabalho dela e na Universidade Federal de Ouro Preto, onde estudava. Com o objetivo de reafirmar a proatividade e a inserção de PCDs na sociedade, ela buscou evidenciar os elos da inclusão a partir da sua relação com o ambiente e com as pessoas. Assim, foram entrevistados seus supervisores de estágio, um colega de trabalho, o diretor do ICISA (Instituto de Ciências Sociais Aplicadas), as monitoras e um conhecido que a ajudou no percurso.

Para as filmagens foram utilizadas duas câmeras. Uma delas foi tomada com câmera de base. Em plano conjunto, ela registrava Cíntia e a personagem que estivesse ao seu lado, durante os diálogos. Normalmente, ela foi operada com a ajuda do cinegrafista Anderson Medeiros. A outra câmera foi manuseada diretamente pela realizadora, buscando constituir uma visão subjetiva, com o intuito de demonstrar para o espectador como ela visualiza o mundo e as pessoas. Ela escolheu utilizar a DJI Pocket, pois foi o equipamento que a possibilitou ter mais mobilidade funcional (por ser leve e fácil de manusear), já que possui mobilidade reduzida por causa da paralisia cerebral.

Na tentativa de fugir do esquema tradicional de produção, a realizadora optou por não elaborar um roteiro de perguntas para as fontes do documentário, ou seja, no decorrer dos encontros ela desenvolvia um diálogo único com cada um dos personagens, de modo a evidenciar qual o vínculo afetivo e como ele foi construído com aquela pessoa. Tal decisão fez com que esse trabalho se tornasse mais autêntico. Neste sentido:

O documentário interativo pressupõe uma noção de colaboração entre as partes. Ainda que dividindo certas características de produção em comum com o documentário de observação, o cinema interativo caminha na direção oposta. Estamos diante da produção de uma verdade filmica – uma verdade que se constrói a partir do encontro: ‘se há uma verdade aqui, é a verdade de uma forma de interação que não existiria não fosse a presença da câmera’. (Silva, 2004, p. 63)

Fortalecendo essa ideia de criar momentos únicos, priorizou-se registrar os encontros, em detrimento de material de acervo (apesar de ser um recurso utilizado em poucos momentos), pois o foco se deu no discurso, na palavra e na conversa íntima estabelecida em cada diálogo. Essa escolha parte de uma vontade de produzir um documentário também poético, focado em cada relato pessoal que lhe foi confiado e em todas as trocas durante as filmagens da obra. Além de poético, este documentário também pretendeu ser também crítico e reflexivo.

Em alguns momentos a equipe teve que adaptar as captações, seja por conta da ausência de determinadas fontes, ou do surgimento de uma nova, e até mesmo por conta

de uma forte sintonia (re)criada durante algum diálogo, inspirando novas questões e caminhos que surgiram no momento. Com isso, mesmo com o estabelecimento de um pré-roteiro aberto para conceituar as filmagens, houve a necessidade de se promover modificações de última hora, que não comprometeram o desenvolvimento do processo de captação, mas sim contribuíram para o enriquecimento da narrativa.

Em todas as filmagens, Cíntia ficou responsável pela direção, diálogos/entrevistas e pela captação de imagens da câmera 02 – registrando toda a subjetividade em primeira pessoa. Assim, ao mesmo tempo em que conversava, ela também participava, ativamente, como uma personagem, relatando sua própria percepção sobre os temas abordados, o que trouxe, efetivamente, um grande protagonismo à cena. Sua mãe, que a acompanhou durante toda a vida, também auxiliou diretamente nesta produção audiovisual. Em todos os lugares que a equipe foi filmar, ela esteve presente auxiliando no processo e atuando diretamente como uma assistente de produção para a filha.

Buscou-se utilizar a iluminação natural por uma questão de funcionalidade e, também, para criar ou ressaltar um aspecto mais intimista e informal durante as captações das imagens. Como as filmagens aconteceram em cidades e ambientes distintos, houve variação na constituição dos membros da equipe dirigida por Cíntia. Em São Domingos do Prata, o responsável pela captação de imagem da câmera de base e do som foi o produtor audiovisual e fotógrafo Ramón de Oliveira, que participou como voluntário da produção. Em Mariana, Ouro Preto e Belo Horizonte, quem operou a câmera de base foi Anderson Medeiros, técnico do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual do curso de Jornalismo da UFOP. A quantidade de material captado chegou a 190 gigabytes, totalizando 252 arquivos.

Após a captação de todas as imagens e dos sons, Cíntia iniciou o cuidadoso processo de decupagem do material e a constituição de um roteiro de montagem, com o auxílio da sua mãe e das monitoras. A busca por alguém que pudesse colaborar com os processos técnicos de montagem e finalização da obra não foi fácil. Após muitas respostas negativas em um âmbito local e regional, a realizadora decidiu promover esta busca por parceria também através de suas redes sociais. E foi visualizando conteúdos dispostos a partir da sua conta do Instagram que ela encontrou, de forma inesperada, um vídeo que chamou sua atenção. Tratava-se de uma obra do montador audiovisual do Rio de Janeiro, Juan Vieira. Depois de analisar o portfólio dele, ela resolveu entrar em contato.

Receptivo e sensível à proposta, o montador aceitou o pedido de ajuda e se tornou mais um voluntário no projeto. Entendendo a grande distância física entre as duas cidades, a dupla optou por idealizar reuniões de montagem a partir do Google Meet. Dessa maneira, Cíntia poderia efetivamente participar de todas as etapas de sua produção, mas Juan Vieira também teria liberdade de criação no processo. Juntos, além da montagem propriamente dita, desenvolveram a identidade visual da série, pensando efeitos visuais, tipologia e cores de fontes, entre outros elementos. O montador também colaborou na criação de uma trilha musical original para a obra, já que ele também é músico. Assim, mesmo tendo como base algumas referências anteriores, a obra foi produzida de forma diferenciada e singular.

Esta inusitada oportunidade de trabalho permitiu que os dois passassem a se conhecer melhor e criassem um forte laço de afetividade. Contudo, essa última etapa se mostrou desafiadora, uma vez que, mesmo muito distante, e somente de forma remota, ela teve que passar sua visão artística sobre o mundo e sobre a própria obra, para que a montagem pudesse representar, fielmente, a realidade pessoal registrada no seu presente e em suas memórias. Como dito antes, a montagem propiciou uma construção documental cujo conteúdo foi dividido em três episódios não lineares, podendo ser assistidos e

compreendidos sem seguirem uma única sequência pré-determinada. Cada um deles tem cerca de dez minutos de duração.

### Considerações finais

Como traduzir o intraduzível? Essa é uma das muitas perguntas que o filme *Elos* procurou responder. Mesmo que o caminho para uma possível resposta seja realmente difícil e subjetivo, desde o esboço do projeto, a pesquisadora e realizadora Cíntia Soares, buscou trazer o tema da inclusão para debate nas esferas audiovisuais, comunicacionais e na sociedade como um todo. Além de dialogar sobre a necessidade de acolhimento, como obra autobiográfica, a autora teve a oportunidade de constituir um mecanismo libertário para aflorar sentimentos e formas aprofundadas de expressão:

Mesmo que no passado eu tenha sido silenciada, hoje, tenho a certeza de que estou no caminho certo, pois estou tendo a chance tanto de refletir sobre minha vida e jornada, como de inspirar outras pessoas a não desistirem de serem os autores e os diretores de suas próprias vidas. Tenho ciência da influência e importância da minha presença na comunicação e desejo que outras Cíntias tenham força e resiliência para que possam ser e estar onde quiserem, sentindo seus corpos serem inseridos e aceitos pela sociedade. Afinal, não há ninguém melhor do que nós mesmos para falar dos nossos sonhos. (Cíntia Soares, comunicação pessoal, abril 9, 2023)

No filme, a diretora e a personagem se fundem. Assim, a aproximação da narrativa com seu próprio mundo, fez a obra se constituir, desde o nascimento da ideia, inerentemente participativa. Esta linguagem surge baseada em estudos antropológicos, onde há uma tentativa de inserção por parte do(a) realizador(a) no ambiente em que deseja documentar (observação participante). No entanto, foi da inserção da realizadora neste ambiente que surgiu a vontade de documentá-lo e, a partir disso, inúmeras intersecções entre o *eu-realizadora* e o *eu-personagem*, que também é objeto indireto desta pesquisa. Os limites entre o lugar de um e outro sujeito nem sempre são tão perceptíveis.

O filme *Elos* foi lançado oficialmente no dia 20 de janeiro de 2023, no Cine Vila Rica, na histórica cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais – onde Cíntia trabalha como assessora da respectiva prefeitura. Depois do sucesso de público e crítica, ela foi convidada para debater sua obra e experiência no *18º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo*, produzido pela organização Abraji. Atualmente, o documentário está sendo difundido a partir de mostras e festivais de cinema e vídeo de língua portuguesa.

Vale ressaltar que, depois do processo de redemocratização do Brasil, a comunidade PCD se uniu para conquistar os seus direitos e, atualmente, pode-se acompanhar o fortalecimento dessas pessoas. Agora é preciso pensar de forma coletiva e inclusiva para que seja realmente possível construir uma sociedade onde todos sejam livres e a deficiência seja apenas uma característica e não um limitador.

### Referências

Audiovisual UFOP (2023a, março 6). Afetividade [Video]. YouTube.

[https://www.youtube.com/watch?v=5qaTpk\\_WUkI&t=8s](https://www.youtube.com/watch?v=5qaTpk_WUkI&t=8s)

Audiovisual UFOP (2023b, março 6). Somos todos iguais [Video]. YouTube.

<https://www.youtube.com/watch?v=SXiC4cLEID0>



- Audiovisual UFOP (2023c, março 6). Vivendo intensamente [Video]. YouTube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=ZCPnuYWPC9E>
- Bampi, S., Guilhem, D., & Alves, D. (2010). Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(4), 816-823.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000400022>.
- Ferreira, L. (s.d). Exposição traz vivências de estudantes com deficiência na UFOP.  
<https://ufop.br/noticias/assistencia-estudantil/exposicao-traz-vivencias-de-estudantes-com-deficiencia-na-ufop>
- França, T. (2013). Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. *Lutas Sociais*, 17 (31), 59-73.  
<https://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf>
- Garcia, V. & Maia, A. (2014). Características da participação das pessoas com deficiência e/ou limitação funcional no mercado de trabalho brasileiro. *R. bras. Est. Pop.* 31(2), 395-418.  
<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/Zy5L6Jw5JCzPqNGKC9yfJQD/?format=pdf&lang=pt>.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. UFMG.
- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei Nacional nº 13.146, de 6 de julho de 2015. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm).
- Gonçalves, D. (Diretor). (2018). *Meu nome é Daniel* [Filme]. Globoplay.
- Neca, P. & Castro, P. (2012). *Representações da deficiência na imprensa portuguesa: hegemonia e emancipação*. *Estudos em Comunicação*, 12, 367- 386.  
<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14192>
- Moriceau, Jean-Luc. (2020). *Afetos na pesquisa acadêmica*. Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 978-65-86963-10-6.
- Mustafé, I, Coêlho, T. (2021). “Eu Respeito”? reflexões sobre acessibilidade afetiva e comunicativa na publicidade do MMFDH. *Revista Culturas Midiáticas*, 15, 243-265.  
<https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.60532>.
- Penha E. (Diretor). (2021). *Uma gota de Esperança* [Filme]
- Pro Infirmis. (2013, dezembro 12). «Because who is perfect?» [Video]. YouTube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=E8umFV69fNg>
- Ruiz, C. (2021). Documentário autobiográfico e feminismo: O quarteto de filmes de Miriam Weinstein. *Revista Eco-Pós*, 24(1), 120–138.  
<https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i1.27603>
- Santos, Milton. (2013). *O espaço da cidadania e outras reflexões*. Fundação Ulysses Guimarães. <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/img-pdf/1440003461-1398280172-vol-03-milton-santos.pdf>.
- Sasaki, R. (2007). Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1. *Revista Nacional de Reabilitação*, X, 57, 08-16.
- Schnabel J. (Diretor). (2007). *O Escafandro e a Borboleta* [Filme]. France 3 Cinéma; Pathé Renne Productions.
- Serafim, J., Ramos, N. (2014). Representação da doença no cinema documentário autobiográfico. *Avanca/Cinema*.
- Silva, G. (2019). Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial.  
[https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115\\_ARQUIVO\\_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553116115_ARQUIVO_NOCOESDEIDENTIDADEDESTUARTHALL.pdf)
- Silva, P. (2004). *Documentários performáticos: a incorporação do autor como inscrição da subjetividade*. UFRJ/ECO.

- Soares, C. (Diretora). (2022). *Elos: traduzindo o intraduzível* [Filme]. U.F.Ouro Preto.
- Souza, R. (2009). *A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros: real, simbólico e imaginário*. 72f. [Dissertação de mestrado - Curso de Letras, Universidade Estadual de Maringá]. Repositório.